

*"Um psicanalista como Winnicott se põe verdadeiramente no limite da psicanálise (...). Há um momento em que não é mais possível traduzir, nem interpretar, traduzir em fantasmas, interpretar em significantes ou em significados, não se trata disso. Há um momento em que será preciso compartilhar, é necessário entrar no sofrimento com o doente, é preciso ir aí, é preciso compartilhar de seu estado."*

Gilles Deleuze, *O Pensamento Nômade*

O pensamento de Donald W. Winnicott vem ganhando, nos últimos anos, um lugar de destaque no movimento psicanalítico brasileiro. Diante deste fenômeno, algumas questões emergem: como compreender o enorme interesse despertado por sua obra? Qual é o papel da mesma dentro do campo da psicanálise? Trata-se, afinal, de um "continuador" ou de um "inovador"? Poder-se-ia pensar em um novo paradigma se constituindo a partir da obra do psicanalista inglês? Qual é a relação entre a sua obra e a de outros autores, especialmente a de Freud? Quais os questionamentos que as suas idéias colocam para a psicanálise que o antecedeu?

A partir destas interrogações, propusemo-nos a tarefa de realizar um número temático de *Percurso* sobre Winnicott, justamente no ano em que comemoramos o centenário de seu nascimento. Logo nos deparamos com a coexistência de pontos de vista diversos sobre sua obra, os quais comportam algumas vezes contradições entre si, e não somente paradoxos. Buscar abarcar esta diversidade de leituras foi o que norteou a montagem deste número. A importância de sua contribuição é hoje incontestável, mas cabe destacar também a sua originalidade: originalidade na sua luta obstinada contra o dogma, por sua teorização intimamente implicada na prática clínica, por seus apontamentos sobre o estatuto do *setting*, sobre a posição do analista e sobre a importância do manejo transferencial, e originalidade no caráter intimista e particular de sua escrita.

Ao propor uma maneira muito específica de conceber a construção concomitante do sujeito e da realidade, Winnicott considerava insuficiente conceber a natureza humana tanto em termos de relacionamentos interpessoais, elaboração imaginativa das funções e totalidade da fantasia - sua versão da psicanálise freudiana - como colocando a ênfase em um mundo interno com

qualidades específicas - perspectiva kleiniana. Ele propôs que considerássemos, além destes aspectos, a existência de uma área intermediária de experimentação entre realidade interna e externa, área de repouso e de ilusão, onde o juízo da realidade ainda não se estabeleceu, mas na qual não predomina simplesmente o princípio do prazer da formulação freudiana. É a partir deste novo referencial que uma outra perspectiva vai sendo construída, na qual inúmeros elementos teórico-clínicos demandam reelaboração.

Teríamos, assim, em Winnicott, um representante da virada da consciência ocidental, já que sua obra impõe-nos a convivência com o paradoxo - termo tão caro em seus textos - levando-nos a superar categorias apriorísticas com as quais norteamos nossa reflexão? O seu pensamento sugere, afinal de contas, uma ruptura da oposição estrita entre criado e percebido, ou entre subjetivo e objetivo.

Cabe a nós estabelecermos as ligações e os pontos de ruptura entre o pensamento de Winnicott e o dos que o antecederam - Freud, Klein e outros - para que possamos apreender mais claramente o significado e o alcance de sua obra. Mas devemos também nos interrogar sobre a relação desta com um movimento mais geral da história das idéias no âmbito da cultura, e, ainda, sobre a disparidade contextual entre Freud, em Viena da virada do século, Winnicott, em Londres, já na metade do século XX, e nós, brasileiros deste fim de milênio, herdeiros de todo este conhecimento. Só assim poderemos criar as condições para nos apropriar de maneira proveitosa deste pensamento original, e isso significa necessariamente *trabalhar* a partir de Winnicott. Trabalhar Winnicott com ele mesmo, com Freud, com Ferenczi, com Fédida e com suas próprias fontes de referência. Trabalhá-lo para não desmerecê-lo, para não tomar sua obra como um sistema fechado, como um dogma, dogma contra o qual ele tanto lutou.